

# Lula prepara a terceira campanha

## Líder petista exige que encontro aprove uma ampla política de alianças e unifique discurso

Aziz Filho e Flôrencia Costa

O líder petista Luiz Inácio Lula da Silva saiu do muro e, pela primeira vez, disse ontem publicamente que deseja ser pela terceira vez o candidato do PT à Presidência da República. Ele prepara para este fim de semana um discurso no plenário do 11º Encontro Nacional do partido, no Hotel Glória, no Rio, no qual vai impor condições para aceitar a missão. Além de exigir uma sintonia no discurso das diversas tendências do partido, vai dizer que voltará para casa se o PT não deixá-lo à vontade para costurar alianças com a esquerda e com políticos de partidos de centro, como o PSDB e o PMDB. Um desses líderes, segundo o próprio Lula, é o ex-ministro e ex-governador Ciro Gomes, hoje filiado ao PSDB e cotado como possível candidato a presidente pelo PSB.

— Estou muito à vontade para dizer que gostaria de enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso nesse momento em que ele já não pode mais mentir para a sociedade brasileira com aquela cara de santo que fez em 1994, cobrando dele a ausência de políticas sociais e os compromissos que ele tem com os setores mais representativos do poder econômico em detrimento dos excluídos — disse Lula.

A terceira candidatura de Lula é uma unanimidade entre os petistas que participam do encontro. Ao ter seu nome mencionado pelo presidente do partido, José Dirceu, na abertura do encontro, ele foi aplaudido aos gritos de "Brasil, urgente, Lula presidente".

### Lula defende pacote de acordos com aliados nos estados

Em entrevista, Lula defendeu que o encontro decida que o PT tenha candidato próprio a presidente. A possibilidade de apoiar alguém de outra legenda fica sepultada. Continua viva, no entanto, a intenção dos petistas moderados, entre os quais se inclui Lula, de submeter as alianças regionais de 1998 à direção nacional. Segundo Lula, o PT precisa "elaborar um pacote" para um acordo que leve em conta os interesses dos aliados nos estados. A idéia será bombardeada em plenário pelos radicais.

— Defendo que as políticas regionais sejam subordinadas à orientação nacional, senão não há aliança política, cada um vai tentar puxar o cordão para seu lado e a coisa não funciona — afirmou.

O candidato virtual do PT ainda reprova a idéia de que seu nome seja lançado agora, ao contrário do que defendem os radicais e políticos como o ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro. Segundo Tarso, a candidatura de Lula já está implícita e os petistas vão começar logo a campanha.

— Na minha opinião, ele já é nosso candidato — disse Tarso.

— O tempo do Tarso é diferente do meu — disse Lula, referindo-se às declarações de Tarso de que só aceitaria



LULA CONVERSA com o ex-deputado Vladimir Palmeira no saguão do Hotel Glória, onde os petistas realizam seu 11º Encontro Nacional

substituir Lula se tivesse tempo para ganhar densidade eleitoral.

Lula classificou como natural a existência de diversas correntes de pensamento no PT, mas adiantou que, em seu discurso, dará um puxão de orelhas nos petistas que transformam a pluralidade em falta de unidade interna.

— O que não é natural é que, terminado o encontro, a gente não crie um pacto de unidade, todos falando a mesma língua — cobrou Lula.

O líder petista também destoou de Tarso ao fazer comentários sobre Ciro Gomes. Tarso voltou a comparar Ciro

ao ex-presidente Fernando Collor de Mello, afirmando que ele bate mais na esquerda do que no Governo federal:

— Se ele continuar como está, é melhor que não esteja conosco.

— É correta a crítica que Ciro faz ao Governo Fernando Henrique. Está dando uma contribuição. Prefiro Ciro como aliado do que como adversário. Ele pode não ser um aliado cem por cento, mas já estaria bom se fosse 70% ou 50% — disse Lula.

Já falando como candidato, o petista disse que adoraria enfrentar Fernando Henrique porque "a máscara do presi-

dente caiu". Ele adiantou pontos do discurso que vai adotar na campanha. Segundo ele, é preciso mostrar à sociedade como é possível gerar milhões de empregos com uma nova política econômica que não beneficie os latifundiários e os banqueiros.

— Precisamos dizer qual o tipo de seguridade social que queremos. Fernando Henrique só fala em cortar despesas, quando o importante é aumentar a receita do país. Nossos próximos passos, assim que decidirmos pela candidatura própria, é procurar todos os partidos de esquerda para fechar uma aliança e,

em seguida, conversar com as personalidades do PMDB e do PSDB que sejam oposição ao regime atual. Muitos deverão deixar seus partidos em outubro próximo — disse Lula.

O ex-deputado Vladimir Palmeira, um dos líderes da esquerda do partido, criticou as negociações de Dirceu e Lula com Ciro e o ex-presidente Itamar Franco.

— Não sei por que eles acham que essas duas múmias possam significar algum avanço. Eles representam o conservadorismo, são nossos inimigos — disse Vladimir.

Lula atacou o senador Roberto Freire (PE), afirmando que o partido de centro-esquerda que Freire quer fundar "é o próprio PSDB".

— Ele deveria se filiar logo ao PSDB. Só falta decidir se quer o PSDB do governador Albano Franco (SE) ou de Ciro Gomes — disse Lula.

### Ambiente tenso e bate-boca marcam início da convenção

A convenção do PT começou num ambiente de tensão. Houve bate-boca quando o plenário apreciou o recurso de sete delegados eleitos pelo Maranhão e impugnados pelo Diretório Nacional. Eles votariam em Milton Temer se o recurso não tivesse sido negado por 266 votos a 206, o que mostra a superioridade numérica dos delegados favoráveis à manutenção de José Dirceu no comando da legenda. O vice-prefeito de São Luiz, Domingos Dutra, foi acusado pelo deputado estadual Luiz Vilanova de ser de direita por tentar impedir o voto dos contrários. Em resposta, Dutra acusou Vilanova de fazer alianças com partidos conservadores do Maranhão — o que levou o Diretório a dissolver a convenção regional.

Dizendo-se preocupado com o nível de atrito entre as correntes internas do PT, o deputado estadual Rui Falcão (SP) disse que vai propor a autodissolução das tendências. O exemplo, segundo ele, será dado por sua tendência, a Nova Democracia, que tem 16 dos 538 delegados que chegaram até ontem. Em todo o país, o PT escolheu 561 delegados à sua convenção nacional.

— Queremos o fim das dinâmicas das tendências cristalizadas e dos grupos que vivem em torno dos mandatos, que criam aparelhos de poder e esvaziam as instâncias partidárias — disse Falcão.

Os petistas adiaram para hoje a apresentação das teses-guia e das emendas a serem feitas em plenário. A tese aprovada vai orientar o comportamento do partido até o próximo encontro nacional. O provável é que a tese da Articulação, que prega uma ampla política de alianças, dispute um segundo turno da votação com a tese encabeçada pela tendência de esquerda Democracia Socialista, que rejeita alianças com o centro e defende mais atenção aos movimentos sociais do que à prática parlamentar. A votação para a escolha do próximo presidente será amanhã. ■

Ivo Gonzalez